

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.



Universidade Federal de Uberlândia
INSTITUTO DE HISTÓRIA
Coordenação dos Cursos de História



Campus Santa Mônica - Bloco H - Sala 1H36 - e-mail: cochi@ufu.br Fone/Fax (0xx34) 3239-4199

Monografia

Música: inserção e seus resultados no ensino de história

Uberlândia fevereiro de 2003.

2195 (24)
S. 19

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
de Documentação e Pesquisa em
- CDHIS
Stª Mônica - Bloco 10 (Antigo Mineirão)
Universitária S/Nº
400-902 - Uberlândia - M. G. - Brasil

JOSE DIVINO TANNÚS JUNIOR

Música: inserção e seus resultados ensino de história

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação de História da
Universidade Federal de Uberlândia,
como exigência para obtenção do título
de bacharel em história sob a
orientação do Professor Alcides Freire
Ramos

Uberlândia 2003

JOSE DIVINO TANNÚS JUNIOR

Música: inserção e seus resultados ensino de história

BANCA EXAMINADORA

AGNALDO RODRIGUES GOMES

MARCOS ANTONIO MENEZES

ALCIDES FREIRE RAMOS

RESUMO

Esta monografia foi realizada tendo em vista minha própria necessidade de se estar inovando no estudo da história, pois;

“A sala de aula é um lugar problemático, por ser ela primordial para a atividade educacional. A sala de aula implica fundamentalmente na relação professor – aluno, relação essa sobredeterminante em relação às demais no interior da sala de aula, só o professor e seus alunos vivenciam em tempo parcial e determinado a complexa trama da existência humana, encaminhados que são por um tipo de fenômeno educativo, o escolar.”¹

portanto me fiz lançar na sala de aula para que vivenciasse o que realmente seria um estudo diferenciado da história utilizando a música, que se faz presente em nossas vidas, independente do momento que estejamos vivendo, para tanto buscar na sala de aula que é antes de tudo um grande laboratório foi uma opção já que neste 2º semestre de 2002 estou fazendo a matéria de prática II uni o útil ao funcional buscando fazer com que as aulas de história fossem vistas pelos alunos com outros olhos que não o da matéria de guardar datas e fatos.

¹ Sala de Aula: Que espaço é esse? Regis de Moraes (org.) – 3ª ed.- Campinas, SP: Papirus, 1988. pg 41

AGRADECIMENTOS

Dedico esta monografia a todos que de algum de modo participaram direta ou indiretamente para a sua realização, minha esposa, Professor Alcides, João Batista secretário do departamento, meus pais e principalmente meu filho Gabriel.

As consequências dos julgamentos rápidos da história imediata podem vir a ter funesta influência no ensino escolar dos jovens, podendo induzi-los a interpretar a aparência pelo substancial. Além de tudo, para o mencionado historiador, a ignorância do futuro compromete a análise dos momentos decisivos de um acontecimento. Portanto ler o presente em profundidade implica em criticar as fontes, explicá-las e não apenas descrevê-las. Introduzir os acontecimentos na longa duração e observar as transformações que forem adquirindo no tempo é a melhor maneira de oferecer o material da história presente para futuras releituras” (LE GOFF)

Sumário

Introdução.....	08
Capítulo 1 – <u>De Onde Partir Para Inserir a Música no Ensino de História”</u>	10
Capítulo 2 - <u>O Universo Acadêmico e a Música</u>	26
Conclusão.....	28
Bibliografia.....	29
Anexos	30

Introdução

O tema escolhido tem como objetivo estudar e observar as inovações no ensino de história, onde despertar a motivação e o interesse do aluno é vital, como única forma de abrandar a monotonia em que está inserida a prática do ensino de história no primeiro e segundo grau atualmente. O objetivo da monografia é demonstrar que é fundamental a introdução de novas técnicas e métodos, pois é o caminho mais curto para elevar a qualidade e o conteúdo do ensino.

A aplicação da música no aprendizado é o meu ponto de partida, onde procuro demonstrar durante o desenrolar deste trabalho, o quanto é válido na prática do ensino estar aberto à inovação em nome da obtenção da atenção total e plena do aluno.

“é preciso que o professor entenda que, no processo pedagógico, não há “donos” exclusivos do saber, e que ao educar ele também se educa. É preciso que o professor entenda como PAULO FREIRE afirma, que sem a coragem de correr o risco, não existe educador. E jogar significa correr riscos”²

E nesta escolha, tive antecipadamente o cuidado de procurar estilos musicais que tivessem penetração acentuada em todas as camadas socioeconômicas, pois não bastava a minha simpatia pura e simples por determinado estilo de música, e sim estilos que tenham penetração maciça na comunidade, “...não é qualquer música que se permite decodificar por

² Sala de Aula: Que espaço é esse? Regis de Moraes (org.) – 3ª ed.- Campinas, SP: Papirus, 1988. pg 63

qualquer público. Sempre devemos levar na devida conta a suposta adequação inadequação entre o conteúdo, o continente e a clientela..."² pois por mais que o indivíduo se isole em si mesmo, volta e meia podemos observar sua empatia para com a música, independente de seu estilo.

Devido a este motivo elegi como objeto para desenvolver esta monografia um estudo sobre os resultados da inserção da música no ensino, mais especificamente o de História, estudos estes que envolveram experiências minhas e de outros professores. Neste estudo procuro fazer uma simbiose da música a ser trabalhada com a realidade vivida pelo aluno, onde busco conviver com o universo escolar que é bem diversificado, e devido a este motivo optei por trabalhar diretamente com a aplicação de minha proposta com sentido dúbio o de lapidar cada vez mais esta proposta e o de adequá-la às diversidades do ambiente das salas de aula.

² Álbum Musical para o Ensino de História e Geografia no 1º grau Alexia Pádua Franco, coord. Uberlândia : Universidade Federal De Uberlândia 1995 - 2ª edição p XIII

CAPÍTULO I.

“De Onde Partir Para Inserir a Música no Ensino de História”

Neste capítulo o que se pretende em primeiro lugar é ter uma base fundada sobre a viabilidade da utilização do objeto de pesquisa na rede pública de ensino, assim o projeto passa por algumas etapas, as quais estarei expondo adiante, pois acredito serem primordiais para fundamentar este trabalho monográfico.

Em um primeiro momento realizei diversas pesquisas de campo, que detalharei a seguir, onde procurei obter dados de todas as camadas sociais, na seguinte forma reprodução da música em um primeiro momento, e depois letra e música juntas. Vale enfatizar que neste exercício não só pude observar, como também sentir a importância que a música desperta na vida das pessoas. Este trabalho de abordagem me proporcionou vários subsídios, pois foi a partir desta metodologia que pude perceber a empatia e o grau de influência da música na vida cotidiana.

Partindo da análise em primeira instância da abordagem, verifiquei que ao serem interpeladas as pessoas sempre se mostraram receptivas, em raras exceções me deparei com a reprovação. Quando realizei a pesquisa direcionada ao público em geral, adotei os mais variados locais sempre buscando obter a mais vasta gama de opiniões sem me preocupar com a sua condição social e ou financeira, pois o universo escolar abriga todos os segmentos sem exceção. Fator que observei e que me conduziu várias vezes a realizar aleatoriamente pesquisas, tanto formais, como informais, junto ao público, tendo

como objeto de abordagem a música na vida cotidiana. Estas pesquisas de abordagens foram realizadas em pontos de grande concentração de pessoas, como por exemplo hipermercados, lojas de conveniência e o terminal central, todos da cidade de Uberlândia. Estas abordagens se deram na seguinte forma:

- 1) *Em todos os ambientes sempre fiz uma primeira avaliação pois se torna necessário que tenha música de fundo independente do estilo.*
- 2) *A abordagem direta ao indivíduo com a seguinte pergunta o que esta música significa para você?*
- 3) *Após algumas dezenas de abordagens procurei afunilar mais estas abordagens delimitando o universo e direcionando meus questionamentos para as músicas que pretendo trabalhar: descritas no decorrer deste trabalho*
- 4) *Nos hipermercados pedi a execução de música da Legião Urbana especificamente “ tempo perdido e índios”;*
- 5) *A observação dos indivíduos cantarolando a música é o ponto de partida.*
- 6) *Peço que a acompanhe fazendo uma leitura da música*
- 7) *Depois que me diga quais são suas impressões sobre a letra e a música em questão ao que ela lhe remete*

De posse destes dados pude perceber que a música sempre remete o indivíduo a um determinado momento de sua vida, seja ele bom ou ruim, e esta sempre promovendo um despertar e um encontro com o que se encontra adormecido no indivíduo.

Já quando inserida no meio acadêmico, notei com raras exceções relutância, por parte dos diretores de escola assim como de professores, pois não adianta nada esta metodologia se não houver o aval da instituição, a abertura do professor e o interesse do aluno á inserção de novas técnicas de aprendizado, pois este é o meu público alvo (escola). Na pesquisa elegi algumas músicas que seguem na seguinte ordem, Tempo Perdido, Faroeste Caboclo e Índios todas da Legião Urbana, e Pacato Cidadão do Skank. As músicas acima definidas foram eleitas, tendo em vista o trabalho já desenvolvido por parte da professora da escola municipal de Uberlândia – MG Professor Eurico Silva⁴ onde a

⁴ Escola da rede municipal de ensino de Uberlândia localizada no bairro São Jorge

ministrante da pasta de história Márcia Cristina Tannús atualmente adota tal técnica de ensino, porém não utiliza todas as músicas, e também a minha própria experiência na Escola Estadual Professora Juvenilha Ferreira⁵ e na Escola Estadual Guiomar de Freitas Costa – Polivalente, onde em ambas ministrei aulas como estagiário na primeira no 1º semestre de 2001 e na segunda no 2º semestre de 2002.⁶ E com estes dados colhidos e analisados em particular foi possível mostrar na prática o meu trabalho, assim como pude vivenciar toda a dificuldade em que se encontra o ensino, seja pelo meio humano ou pelo meio material.

Tempo Perdido

(Renato Russo)

*Todos os dias quando acordo.
 Não tenho mais o tempo que passou
 Mas tenho muito tempo
 Temos todo o tempo do mundo.
 Todos os dias antes de dormir.
 Lembro e esqueço como foi o dia:
 "Sempre em frente.
 Não temos tempo a perder."
 Nosso suor sagrado
 É bem mais belo que esse sangue amargo
 E tão sério
 E selvagem.
 Veja o sol dessa manhã tão cinza:
 A tempestade que chega é da cor dos teus olhos castanhos.
 Então me abraça forte e me diz mais uma vez
 Que já estamos distantes de tudo:
 Temos nosso próprio tempo.
 Não tenho medo do escuro, mas deixe as luzes acesas agora.
 O que foi escondido é o que se escondeu
 E o que foi prometido, ninguém prometeu.
 Nem foi tempo perdido.
 Somos tão jovens⁷*

⁵ Escola da rede estadual de ensino de Uberlândia localizada no bairro Luizote de Freitas

⁶ Escola da rede estadual de ensino de Uberlândia localizada no bairro Roosevelt

⁷ Dois (disco) Legião Urbana, "SONY MUSIC" / COLUMBIA, 1986

A música foi escolhida para se trabalhar com os alunos a importância de se estar estudando a questão do tempo, devido ao fato de por várias vezes ser interpelado pelos alunos com a seguinte pergunta – *“Por que se estudar história se os fatos já se passaram?”* E este questionamento me remeteu que se faz necessário deixar claro para o aluno que o mundo em que vivemos hoje sofreu as consequências destes fatos já transcorridos. Esta música foi trabalhada na escola municipal Professor Eurico Silva na quinta série em conjunto com a professora Márcia Cristina, com média de idade de treze anos, onde foi aplicada a seguinte metodologia conforme segue abaixo:

Em primeiro momento as perguntas as quais os alunos deverão responder ao final da aula é colocada na lousa, a sala encontra-se com as carteiras em fila e é colocada em círculo pelo professor no intervalo do recreio, (fato que já produz uma euforia na sala, pois se encontra totalmente modificada, o que incita os alunos a esboçarem suas manifestações sejam elas com palavras ou no modo de sentar-se). Após três minutos que foi o tempo que se levou para uma pré-organização da sala passou-se à entrega da letra da música aos alunos, onde foi pedido que escutassem a música e a acompanhassem no folheto distribuído, abaixo seguem as perguntas e as observações que fiz durante a aplicação do método de ensino:

Perguntas feitas aos alunos sobre a música tempo perdido

- 1) *O que você entende por tempo?*
- 2) *Estudar com música é bom? Sim ou não porque?*
- 3) *Você prefere estudar com música ou texto escrito? Porque?*
- 4) *Qual é o seu tempo?*
- 5) *O que tem haver tempo e história?*

Observações:

Obtém-se uma atenção de setenta por cento da sala
Um relativo entendimento da música
Um interesse mais acentuado do aluno de melhor nível social
Relativo interesse por parte dos alunos
Conhecimento da música por parte de 70% dos alunos
Professor faz referência ao clima
Citação de aluno "o jovem não se preocupa com o tempo"
Aluna keyte dançando e acompanhando a música
Questionamento do posicionamento e disposição das carteiras da sala antes e agora

por tempo O professor faz questionamentos junto aos alunos sobre seu entendimento

A aluna keyte se recorda do tempo em que tem que acordar as cinco da manhã e do tempo que ficou para traz
O tempo passa
Passa rápido
Não sei
Não sei
Não sei
Israel – tempo de uma geração
Futuro
Hora
Tempo para estudar
Tempo de brincar
Dá um tempo
Tempo adulto é diferente do adolescente
Brasil quinhentos anos
Comentários sobre fotos
Copa do mundo
Garrincha
Corinthians campeão
Tiradentes
Independência

Após estas observações pude notar que a realidade que o aluno da escola está intimamente ligada ao seu dia a dia, em muitas das respostas que se referem á primeira pergunta as respostas deixam claro a preocupação do aluno com o que está se passando á sua volta, na maioria, as respostas são curtas e simples. O que me chamou a atenção, pois quando os alunos foram indagados as suas respostas foram mais trabalhadas e muitas das vezes até justificadas, este fato deve ser observado e levado em conta e trabalhado um pouco mais, no intuito de conseguir que estas respostas venham para o papel, o que a meu

ver é altamente benéfico para o aluno, pois teremos chance de verificar sua ortografia e sua capacidade na elaboração de respostas escritas, em confronto com as expressadas verbalmente.

É repassada a música pela segunda vez com uma receptividade de 95% da sala, tanto na letra como na melodia, os alunos se encontram mais descontraídos e o interesse pela música aumenta de acordo com a idade, o que me remete às palavras do professor Adalberto Paranhos “... *À medida em que se avança no grau de escolaridade, por exemplo, pode-se recorrer a canções com maior sofisticação e complexidade interpretativa.*”.⁸

O resultado da aplicação da metodologia foi satisfatório, já que os resultados se fizeram presentes nas provas, além de elevar o grau de atenção dos alunos que passaram a solicitar mais aulas com músicas.

Faroeste Caboclo

(Renato Russo)

*Não tinha medo o tal João de Santo Cristo
Era o que todos diziam quando ele se perdeu
Deixou pra trás todo o marasmo da fazenda
Só pra sentir no seu sangue o ódio que Jesus lhe deu
Quando criança só pensava em ser bandido
Ainda mais quando com tiro de soldado o pai morreu
Era o terror da cercania onde morava
E na escola até o professor com ele aprendeu
La pra igreja só pra roubar o dinheiro
Que as velhinhas colocavam na caixinha do altar
Sentia mesmo que era mesmo diferente
Sentia que aquilo ali não era o seu lugar
Ele queria sair para ver o mar
E as coisas que ele via na televisão
Juntou dinheiro para poder viajar
E de escolha própria escolheu a solidão
Comia todas as menininhas da cidade
De tanto brincar de médico aos doze era professor
Aos quinze foi mandado pro reformatório
Onde aumentou seu ódio diante de tanto terror*

⁸ Álbum Musical para o Ensino de História e Geografia no 1º grau Alexia Pádua Franco, coord. Uberlândia : Universidade Federal De Uberlândia 1995 - 2ª edição p XIII

Não entendia como a vida funcionava
 Discriminação por causa da sua classe e sua cor
 Ficou cansado de tentar achar resposta
 E comprou uma passagem foi direto a Salvador
 E lá chegando foi tomar um cafezinho
 E encontrou um boiadeiro com quem foi falar
 E o boiadeiro tinha uma passagem
 Ia perder a viagem mas João foi lhe salvar:
 Dizia ele "-Estou indo para Brasília
 Nesse país lugar melhor não há
 Tô precisando visitar a minha filha
 Eu fico aqui e você vai no meu lugar"
 E João aceitou sua proposta
 E num ônibus entrou no Planalto Central
 Ele ficou bestificado com a cidade
 Saindo da rodoviária viu as luzes de natal
 "- Meu Deus mas que cidade linda!
 No Ano Novo eu começo a trabalhar"
 Cortar madeira aprendiz de carpinteiro
 Ganhava cem mil pro mês em Taguatinga
 Na sexta feira foi pra zona da cidade
 Gastar todo o seu dinheiro de rapaz trabalhador
 E conhecia muita gente interessante
 Até um neto bastardo do seu bisavô
 Um peruano que vivia na Bolívia
 E muitas coisas trazia de lá
 Seu nome era Pablo e ele dizia
 Que um negócio ele ia começar
 E Santo Cristo até a morte trabalhava
 Mas o dinheiro não dava pra ele se alimentar
 E ouvia às sete horas o noticiário
 Que dizia sempre que seu ministro ia ajudar
 Mas ele não queria mais conversa
 E decidiu que como Pablo ele ia se virar
 Elaborou mais uma vez seu plano santo
 E sem ser crucificado a plantação foi começar
 Logo logo os maluco da cidade
 Souberam da novidade
 "-Tem bagulho bom aí!"
 E João de Santo Cristo ficou rico
 E acabou com todos os traficantes dali
 Fez amigos, freqüentava a Asa Norte
 Ia pra festa de Rock pra se libertar
 Mas de repente
 Sob um má influência dos boyzinhos da cidade
 Começou a roubar
 Já no primeiro roubo ele dançou
 E pro inferno ele foi pela primeira vez
 Violência e estupro do seu corpo
 "-Vocês vão ver, eu vou pegar vocês!"
 Agora Santo Cristo era bandido

Destemido e temido no Distrito Federal
 Não tinha nenhum medo de polícia
 Capitão ou traficante, playboy ou general
 Foi quando conheceu uma menina
 E de todos os seus pecados ele se arrependeu
 Maria Lúcia era uma menina linda
 E o coração dele pra ela o Santo Cristo prometeu
 Ele dizia que queria se casar
 E carpinteiro ele voltou a ser
 "Maria Lúcia eu pra sempre vou te amar
 E um filho com você eu quero ter"
 O tempo passa
 E um dia vem na porta um senhor de alta classe com dinheiro na mão
 E ele faz uma proposta indecorosa
 E diz que espera uma resposta, uma resposta de João
 "Não boto bomba em banca de jornal
 E nem em colégio de criança
 Isso eu não faço não
 E não protejo general de dez estrelas
 Que fica atrás da mesa com o cu na mão
 E é melhor o senhor sair da minha casa
 Nunca brinque com um peixe de ascendente escorpião"
 Mas antes de sair, com ódio no olhar
 O velho disse:
 "-Você perdeu a sua vida, meu irmão!"
 "-Você perdeu a sua vida, meu irmão"
 "-Você perdeu a sua vida, meu irmão"
 Essas palavras vão entrar no coração
 "-Eu vou sofrer as conseqüências como um cão."
 Não é que o Santo Cristo estava certo
 Seu futuro era incerto
 E ele não foi trabalhar
 Se embebedou e no meio da bebedeira
 Descobriu que tinha outro trabalhando em seu lugar
 Falou com Pablo que queria um parceiro
 Que também tinha dinheiro e queria se armar
 Pablo trazia o contrabando da Bolívia
 E Santo Cristo revendia em Planaltina
 Mas acontece que um tal de Jeremias
 Traficante de renome apareceu por lá
 Ficou sabendo dos planos de Santo Cristo
 E decidiu que com João ele ia acabar.
 Mas Pablo trouxe uma Winchester 22
 E Santo Cristo já sabia atirar
 E decidiu usar a arma só depois
 Que Jeremias começasse a brigar
 Jeremias maconheiro sem vergonha
 Organizou a Roconha e fez todo mundo dançar
 Desvirginava mocinhas inocentes
 E dizia que era crente mas não sabia rezar
 E Santo Cristo há muito não ia pra casa

E a saudade começou a apertar
 "-Eu vou me embora, eu vou ver Maria Lúcia
 Já está em tempo de a gente se casar"
 Chegando em casa então ele chorou
 E pro inferno ele foi pela segunda vez
 Com Maria Lúcia Jeremias se casou
 E um filho nela ele fez
 Santo Cristo era só ódio pro dentro
 E então o Jeremias pra um duelo ele chamou
 "-Amanhã, as duas horas na Ceilândia
 Em frente ao lote catorze é pra lá que eu vou
 E você pode escolher as suas armas
 Que eu acabo com você, seu porco traidor
 E mato também Maria Lúcia
 Aquela menina falsa pra que jurei o meu amor"
 E Santo Cristo não sabia o que fazer
 Quando viu o repórter da televisão
 Que a notícia do duelo na TV
 Dizendo a hora o local e a razão
 No sábado, então as duas horas
 Todo o povo sem demora
 Foi lá só pra assistir
 Um homem que atirava pelas costas
 E acertou o Santo Cristo
 E começou a sorrir
 Sentindo o sangue na garganta
 João olhou as bandeirinhas
 E o povo a aplaudir
 E olhou pro sorveteiro
 E pras câmeras e a gente da TV que filmava tudo ali
 E se lembrou de quando era uma criança
 E de tudo o que viveu até aqui
 E decidiu entrar de vez naquela dança
 "-Se a via - crucis virou circo, estou aqui."
 E nisso o sol cegou seus olhos
 E então Maria Lúcia ele reconheceu
 Ela trazia a Winchester 22
 A arma que seu primo Pablo lhe deu
 "-Jeremias, eu sou homem. Coisa que você não é
 Eu não atiro pelas costas, não.
 Olha pra cá filha da puta sem vergonha
 Dá uma olhada no meu sangue
 E vem sentir o teu perdão"
 E Santo Cristo com a Winchester 22
 Deu cinco tiros no bandido traidor
 Maria Lúcia se arrependeu depois
 E morreu junto com João, seu protetor
 O povo declarava que João de Santo Cristo
 Era santo porque sabia morrer
 E a alta burguesia da cidade não acreditava na história
 Que ele viram da TV

*E João não conseguiu o que queria
Quando veio pra Brasília com o diabo ter
Ele queria era falar com o presidente
Pra ajudar toda essa gente que só faz
Sofrer⁹*

Esta música foi aplicada na escola estadual Polivalente, onde procurei desenvolver nos alunos a verdadeira consciência de seu papel na sociedade, e a questão do espaço público, a metodologia, entretanto englobou atividades extra classe, a proposta inicial era apenas de deixar claro que o espaço público é de todos, mas no decorrer do desenvolvimento da metodologia ficou clara a necessidade de trazer uma experiência concreta para dentro da comunidade escolar, que descreverei a seguir; para tanto lancei mão de detalhes corriqueiros presentes no dia a dia tais como a preservação da escola e seus pertences, diversas indagações foram feitas durante a aula pois em nenhum momento o aluno se sente dono verdadeiro do espaço que frequenta, coube então mostrar na prática com exemplos do cotidiano.

As carteiras da sala e sua depredação – procurei mostrar que o fato de elas estarem no estado em que estão se deve ao fato de que é público, e sempre o público é tratado como algo que não tem importância, com descrédito e a principal justificativa feita pelos alunos estava baseada no descrédito dos governantes muitas das vezes corruptos pois, a visão que se tem, é que quem está no poder não se preocupa com o povo. Tal situação remeteu a uma nova discussão, que é de caráter municipal “*orçamento participativo*”. Pois quando questionados quantos participaram das reuniões a minoria se manifestou, neste momento promovi o resgate de uma estrofe da música,

*“...E João não conseguiu o que queria
Quando veio pra Brasília com o diabo ter
Ele queria era falar com o presidente
Pra ajudar toda essa gente que só faz*

⁹ Mais do Mesmo (disco). Legião Urbana, “SONY MUSIC” / COLUMBIA. 1998

Sofrer. ¹⁰

ou seja, deixei claro para os alunos que antes de mais nada, é preciso que haja a manifestação da sociedade quanto aos seus anseios; esta passagem foi apenas uma parte da aula, que veio a culminar com o verdadeiro objetivo que era o de deixar explícito que todos somos cidadãos, e temos direitos e deveres, e que tudo se inicia num simples gesto o de votar, ato que foi praticado por grande parte da comunidade escolar graças ao apoio dos órgãos governamentais (T.R.E), foi introduzido na escola uma urna eletrônica, que serviu para esclarecer as dúvidas e por a mostra os anseios da comunidade escolar, dias antes das eleições 2002.

"Índios"

(Renato Russo)

*Quem me dera, ao menos uma vez
Ter de volta todo o ouro que entreguei
A quem conseguiu me convencer
Que era prova de amizade
Se alguém levasse embora até o que eu não tinha.
Quem me dera, ao menos uma vez,
Esquecer que acreditei que era por brincadeira
Que se cortava sempre um pano-de-chão
De linho nobre e pura seda.
Quem me dera, ao menos uma vez,
Explicar o que ninguém consegue entender:
Que o que aconteceu ainda está por vir
E o futuro não é mais como era antigamente.
Quem me dera, ao menos uma vez,
Provar que quem tem mais do que precisa ter
Quase sempre se convence que não tem o bastante
E fala demais, por não ter nada a dizer
Quem me dera, ao menos uma vez,
Que o mais simples fosse visto como o mais importante,
Mas nos deram espelhos
E vimos um mundo doente.
Quem me dera, ao menos uma vez,
Entender como isso Deus ao mesmo tempo é três
E esse mesmo Deus foi morto por vocês
É isso maldade então, deixar um Deus tão triste.
Eu quis o perigo e até sangrei sozinho.*

¹⁰ Idem 7

*Entenda - assim pude trazer você de volta para mim.
 Quando descobri que é sempre isso você
 Que me entende do início ao fim
 É é isso você que tem a cura do meu vício
 De insistir nessa saudade que eu sinto
 De tudo que eu ainda não vi.
 Quem me dera, ao menos uma vez,
 Acreditar por um instante em tudo que existe
 E acreditar que o mundo é perfeito
 E que todas as pessoas são felizes.
 Quem me dera, ao menos uma vez,
 Fazer com que o mundo saiba que seu nome
 Esta em tudo e mesmo assim
 Ninguém lhe diz ao menos obrigado.
 Quem me dera, ao menos uma vez,
 Como a mais bela tribo, dos mais belos índios,
 Não ser atacado por ser inocente.
 Eu quis o perigo e até sangrei sozinho.
 Entenda - assim pude trazer você de volta para mim
 Quando descobri que é sempre isso você
 Que me entende do início ao fim
 É é isso você que tem a cura do meu vício
 De insistir nessa saudade que eu sinto
 De tudo que eu ainda não vi.
 Nos deram espelhos e vimos um mundo doente
 Tentei chorar e não consegui¹¹*

Nesta música fica clara a intenção do autor de colocar a sua visão do descobrimento da América, que a meu ver não foge muito do que realmente foi, pois a expropriação é citada várias vezes, assim como os meios mais comuns utilizados pelos europeus para a obtenção de riquezas, expõem claramente a sufocação de uma cultura pré-existente assim como a imposição de costumes e hábitos aos índios.

A música em si foi amplamente trabalhada no 1º, 2º e 3º grau, onde mais adiante estarei expondo suas particularidades, e em todos os três níveis pode ser utilizada como um ingrediente a mais, um pano de fundo para a compreensão do aluno desta fase da história da América. Em sua obra *Las Casas*, trabalha com este momento mostrando de forma categórica a ocupação e a expropriação do novo continente.

¹¹ Dois (disco) Legião Urbana, "SONY MUSIC"/COLUMBIA. 1986

No 1º grau trabalhei com uma sexta série na Escola Municipal Professor Eurico Silva, e direcionei o estudo para o entendimento mais amplo da verdadeira razão da colonização da América, na primeira estrofe da música Índios, a questão da riqueza do continente americano, assim como a finalidade primordial de ocupação da América por parte do velho mundo, “a busca do ouro” ficam evidenciadas. Tendo em vista estes pressupostos, procurei fazer um resgate do contexto histórico da Europa nesta época, colocando em destaque o capitalismo para então realmente entrar na questão do indígena, onde procurei resgatar não só a visão do indígena como também, as suas formas de resistências ao que estava sendo imposto, em um segundo momento promovi a discussão com os alunos e busquei deixar claro a questão da invasão sofrida por parte dos povos indígenas, pois este já era um continente habitado e este fato nos remete a expor as barbáries que foram submetidos, a violência da expropriação de suas terras, a aniquilação de sua cultura e a sua escravização. Posto isto pedi a análise da música e a explicação do entendimento do aluno, com o objetivo de ter uma prévia do conhecimento do aluno. Pude notar que os chavões sempre estão presentes, originários da adoção do livro didático como fonte única de informação.

A adoção da metodologia musical neste grau de ensino (1º) deixou três camadas diferenciadas *alunos e expectadores e indiferentes* (que aliás se fizeram presentes nos três graus). A primeira a dos alunos interessados na novidade apresentada na sala pois a mesmice ficou de lado, e a possibilidade de aprendizado diferenciado em alerta, a segunda é a dos expectadores pura e simplesmente apenas estão observando e tentando absorver algo de útil, um útil que venha de encontro aos seus anseios, e por último os indiferentes que sempre procuram ficar alheios á sala de aula procedem de maneira a tornar o espaço da sala de aula como algo sem importância apenas mais um espaço qualquer.

Já no 2º grau a dinâmica adotada foi a mesma, porém com uma significativa mudança no que diz respeito ao contexto, pois além de deixar claro a questão da colonização também era necessário aprofundar mais e fazer com que o aluno tivesse um direcionamento para questionamentos, pois estão sendo preparados para ingressar no terceiro grau, por isto o grau de exigência ter sido mais apertado (introdução de mais textos além do didático utilizado e questões de vestibulares passados), é preciso desenvolver no aluno o senso crítico e a música foi de grande valia. É lógico que todo este processo de inovação não passa despercebido e também não deixa de ser repudiado, pois na maioria das vezes os alunos do 2º grau estão tentados a estarem decorando datas e lugares e não a associarem estas datas e lugares a fatos “...ensinar História passa a ser então dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História...”¹² ou seja é preciso fazer com que o aluno construa sua própria visão de história, e para que isto se efetive é necessário que ele tenha diversificadas metodologias de ensino, que englobem não somente os livros didáticos mas também textos complementares e principalmente exemplificados com situações do dia a dia.

Quanto às três camadas diferenciadas vale ressaltar que o grupo de indiferentes se sente no dever de estar em dia com as obrigações escolares na maioria das vezes por necessidade de conclusão do 2º grau, já que são indivíduos considerados economicamente ativos.

No 3º grau a dinâmica também foi a mesma e tendo como resultado direto o aprofundamento da discussão e análise por estrofe, buscando entender não só pensamento

¹² BITTENCOURT Circe (org.) – O Saber Histórico na Sala de Aula – 7ª edição – São Paulo : Contexto, 2002 – (Repensando o Ensino) p 57

do autor como também fazendo paralelos do momento histórico, do fato histórico e a vida pessoal do autor, que sem dúvida irá direcionar toda sua obra.

Vale ressaltar que no 3º grau os expectadores quando questionados se manifestam expondo suas visões, e os indiferentes ou saem de aula ou procuram discussões paralelas muitas das vezes com temas diferenciados do proposto.

Pacato Cidadão

*Pacato cidadão, te chamei a atenção
 Não foi a tóã, não
 C'est fini la utopia, mas a guerra todo dia
 Dia a dia, não
 Tracei a vida inteira planos tão incríveis
 Tramo à luz do sol
 Apoiado em poesia e em tecnologia
 Agora à luz do sol
 Pra que tanta tevê, tanto tempo pra perder
 Qualquer coisa que se queira saber querer
 Tudo bem, dissipação de vez em quando é bão
 Misturar o brasileiro com o alemão
 Pra que tanta sujeira nas ruas e nos rios
 Qualquer coisa que se suje tem que limpar
 Se você não gosta dele, diga logo a verdade
 Sem perder a cabeça, sem perder a amizade
 Consertar o rádio e o casamento
 Corre a felicidade no asfalto cinzento
 Abolir a escravidão do caboclo brasileiro
 Numa mão educação, na outra dinheiro
 Pacato cidadão
 Ô pacato da civilização¹³*

Esta música é também trabalhada pela professora Márcia na escola Eurico Silva para o compacto a noite, onde segundo relato dela própria já ministra e aplica esta música há algum tempo tendo uma grande aceitação e bons níveis de resultado de aproveitamento de ensino, em um primeiro contato procuro me inteirar de sua forma de

ministrar as aulas, dos roteiros e também suas técnicas, para que em um segundo momento já me inteirado de sua metodologia assim como suas maneiras de aplicação de métodos pudesse adequar meus propósitos à sua forma já aplicada de ministrar a aula com auxílio da música. Segue abaixo as considerações e métodos aplicados quando pela professora ao ministrar a aula.

O modelo aplicado pela professora se assemelha ao que eu proponho contudo procuro fazer com que as diretrizes sejam diferenciadas, pois pretendo antes de tudo trazer para a sala de aula a discussão do dia a dia do aluno assim como suas expectativas. Durante o desenvolvimento do projeto realizei em conjunto uma comparação de resultados, pois tanto esta música (Pacato Cidadão) e a Faroeste Caboclo me deram subsidios dúbios, o que atribui ao fato de metodologias diferenciadas adotadas pelos professores, onde quando se trabalha a busca da compreensão dos fatos a aplicação da música fica mais fácil, mas quando se trabalha única e exclusivamente com o livro didático o simples fato de inserção de um instrumento novo dentro do espaço da sala de aula pode se tornar um gancho para a desordem. Apesar de terem sido aplicadas em escolas diferentes pude perceber que o dia a dia quando inserido na sala de aula consegue quebrar a monotonia da disciplina da história

Capítulo II

Universo Acadêmico e a Música

“O professor de história pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber – fazer, o saber – fazer – bem, lançar os germes do histórico. Ele é responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar em cada aula de história, temas em problemáticas.”¹⁴

Esta citação deixa claro o real valor do educador de história, que antes de ser apenas um simples agente de ensino, deve estar atento ao modo de como fazê-lo, pois não basta apenas que sejam colocadas as questões para os alunos é preciso que desperte a curiosidade pelo raciocínio e não a prática de decorar, para que os fatos sejam vistos por diferenciados pontos de vista, o que fatalmente irá levar a discussão do fato em si em sala, isto levando se em conta que estará trabalhando com a visão do aluno sobre o fato, podendo inclusive adotar novos recursos sejam eles didáticos ou não, no sentido de dirimir as dúvidas que se fizerem presentes na sala de aula. Quando me refiro a estes recursos é bom que se tenha em mente o real valor de desprendimento que o professor deverá ter pois este é um fator vital para se atingir o objetivo.

“Ensinar história passa a ser então dar condições para o que aluno possa participar do processo do fazer do construir a história.”¹⁵

¹⁴ O Saber Histórico Na Sala De Aula p 57

¹⁵ BITTENCOURT Circe (org.) – O Saber Histórico na Sala de Aula – 7ª edição – São Paulo : Contexto, 2002 – (Repensando o Ensino) p 57

E este é o meu objetivo com esta monografia é preciso fazer com que o aluno se torne agente de seu próprio saber, e não seja apenas um mero expectador, pois a simplicidade de estar assistindo aula sem sequer participar ou até mesmo se fazer presente é uma constante, que precisa ser mudada de forma radical, mas é preciso que haja por parte do professor engajamento para efetivar tais mudanças, que acredito eu passam em primeiro lugar pela eliminação do repúdio ao novo.

A aula de história é o momento em que, ciente do conhecimento que possui, o professor pode oferecer a seu aluno a apropriação do conhecimento histórico existente, através de uma atividade de com a qual ele retome a atividade que edificou este conhecimento. É também o espaço em que o embate é travado diante do próprio saber: de um lado a necessidade do professor ser o produtor do saber, de ser participe da produção do conhecimento histórico, de contribuir pessoalmente. De outro lado, a opção de tornar-se apenas um eco do que os outros já disseram.¹⁶

E neste espaço de ação, que é a sala de aula, que se desenrolam mais intensamente as articulações e contradições entre o eu e o outro, entre o passado e o futuro, entre a tradição e a revolução, entre a criatividade e o conformismo, entre a fala dialógica e a fala impositora, difusão de idéias entre pessoas e a infusão de idéias sobre as pessoas.¹⁷

Este trecho na verdade reflete a real fundamentação desta monografia, pois não é possível continuar estar inserido no contexto de sala de aula com inúmeros receios, é preciso que se tenha em mente que estar em sala de aula significa antes de tudo estar atento a todas as novas metodologias, é fazer com que elas estejam lado a lado do ensino, ser apenas repetidor de fatos e induzir o aluno à decoreba, e é antes de tudo fazer com que o quadro escolar principalmente o de história se perpetue

¹⁶ BITTENCOURT Circe (org.) – O Saber Histórico na Sala de Aula – 7ª edição – São Paulo : Contexto, 2002 – (Repensando o Ensino) p 57

¹⁷ Sala de Aula: Que espaço é esse? / Regis de Moraes (org.) – 3ª ed.- Campinas, SP: Papirus, 1988. pg 125

Conclusão

A aplicação da música na sala de aula teve como objetivo apreciar o aproveitamento do aluno assim como a receptividade e o grau de improviso por parte do professor e a sua receptividade a inserção de novas técnicas de aprendizado, ficou claro que de acordo com a faixa etária é possível se ter um alto grau de produtividade quanto à questão do aprendizado de forma não convencional.

Também ficou claro que a sala de aula é um grande laboratório de aprendizado tanto por parte do aluno como do professor assim como do observador. E neste processo de aplicação da metodologia foi possível observar que o material colhido também serve de subsídio para outros pesquisadores principalmente os que pretendem introduzir o novo no ambiente da sala de aula. Pois segundo Paulo Freire

“o educador não pode cansar de viver a alegria do educando (...) no momento em que ele já não se alegra. não arrepia diante de uma alegria, da alegria da descoberta. é que ele já está ameaçado de burocratizar a mente”¹⁸

Seguem alguns anexos scaneados contendo as respostas de alunos logo após a aplicação da proposta.

¹⁸ Sala de Aula: Que espaço é esse? / Regis de Moraes (org.) – 3ª ed.- Campinas, SP: Papirus, 1988. pg. 70

Bibliografia

Álbum Musical Para o Ensino de História e Geografia no 1º grau – Aléxia Pádua Franco
coord. Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia, 1995.

Candido, Antonio – Na Sala de Aula – Caderno de análise literária, 8ª edição, Ed. Ática

Dapieve, Arthur – Renato Russo: O Trovador Solitário – Rio de Janeiro: Relume – Dumará:
Prefeitura 2000.

LE GOFF, Jacques. La vision des autres: un médiéviste face au temps présent. In:

CHAUVEAU, Agnès, TETART, Philippe (Sous la responsabilité). *Questions a l'histoire
des temps présent*. S.l.p., Editions Complexe, 1991. pp 99-108

O Saber Histórico na Sala de Aula/ Circe Bitencourt (org.) 7ª ed. - São Paulo: Contexto
2002 – (Repensando o Ensino)

Sala de Aula: Que espaço é esse? / Regis de Moraes (org.) – 3ª ed. - Campinas, SP: Papirus,
1988.

Sites

www.legiaourbana.com.br

www.sonymusic.com.br

Nome = Polyana Alexandra.
Idade = 18

R1 = Eu acho que é tempo perdido que não volta mais.

R2 = Porque lembra muitas coisas sem.

R3 = Com a música. Porque a gente lembra muitas coisas interessantes.

R4 = Um tempo da moda.

R5 = Sem. Porque a história faz parte do tempo perdido.

Nome = Gustavo Silva Idade 18

1 Eu acho que o tempo é para ser aproveitada

2 Eu acho que é bom e aprendi muito

3 Ouvindo a música por que é melhor

4 Tempo histórico

5 Sem o tempo é bom e tem valor com história

1. Tempo para o estudo
2. Tempo para o trabalho

1. Tempo para o estudo e o trabalho.

2. Tempo para o estudo e o trabalho.

3. Tempo para o estudo e o trabalho.

4. Tempo para o estudo.

5. Tempo para o estudo e o trabalho.

Nome: Genonochi
Cidade: ...

Respostas

1. Tempo.

2. Sim, porque a sua vida é mais divertida.

3. Com a música, porque com a música você entende mais.

4. Tempo de estudo.

5. Sim.

~~25/01/1971~~

Roma - Italia

10/01/71

Figura mais importante

Bar. Loupa - em meio

algum cantando de musica. Loupa e' muito mais

estudo.

Ele chegou a fazer um trabalho em toda

a Roma, em 1968.

Ele chegou a fazer um trabalho em toda a

cidade de Roma e a cidade

de Roma e a cidade de Roma e a cidade de Roma

Trabalho de Loupa

1
Sergelito 538

1 Com tempo perdido um tempo que já passou

2 Porque faz as pessoas que estão estressadas

3 Com a música porque ela é muito legal e o texto é um
soco

4

5 O tempo e a história não iguais que a história
lida de tempo

6 Tempo é o que passa e quando não passa o tempo

7 Porque não se lembra e a hora não é a

8 Já o tempo porque não pode esquecer mais um tempo
e não é mais

9 Já não ~~vamos~~ no tempo do presente.

10 Já não tem mais que a história está o tempo passado para
o futuro.

11

Nome: Sérgio Roberto Lourenço
nº: 538 18 542000

nome Rafael
idade 54/58

- 1º importante para todos
- 2º sem porque não pode aprender
- 3º tenho a mesma coisa que não pode fazer uma análise
- 4º estudar
- 5º sem porque não pode trabalhar e ganhar

nome Rafael
idade 54/58

- 1º é a mesma coisa de antes de eu começar a estudar
- 2º é a mesma coisa de antes de eu começar a estudar
- 3º é a mesma coisa de antes de eu começar a estudar
- 4º é a mesma coisa de antes de eu começar a estudar
- 5º é a mesma coisa de antes de eu começar a estudar

nome e a sala: Pedro - 13

1. 1ª aula

2. 2ª aula: Pedro e a sala de aula

3. 3ª aula

4. 4ª aula: a planilha de dados e a tabela de dados

AVISO: TARDE

SALA: 14

Alunos

Respostas

- (1) = Tempo é o que existe em nossa vida.
- (2) = E bem. Porque todos aprendem mais a partir da nossa experiência.
- (3) = O melhor? Porque não consigo e não é muito bom.
- (4) = Tempo de estudo, tempo de experimentar e viver.
- (5) = Tem. Porque vou alguns tempos para o Brasil e estudar a história.

Nome: ...

Data: ...

- 1) ...
- 2) ...
- 3) ...
- 4) ...

5) ...